

DF-Saúde

06 MAR 1992

CORREIO BRAZILIENSE



As filas são uma constante na Pediatria do Hospital da Ceilândia e muitos são os que esperam, resignados pelo atendimento

HRC vive caos no atendimento da pediatria

Luiz Carlos Fernandes

Da Sucursal de Taguatinga

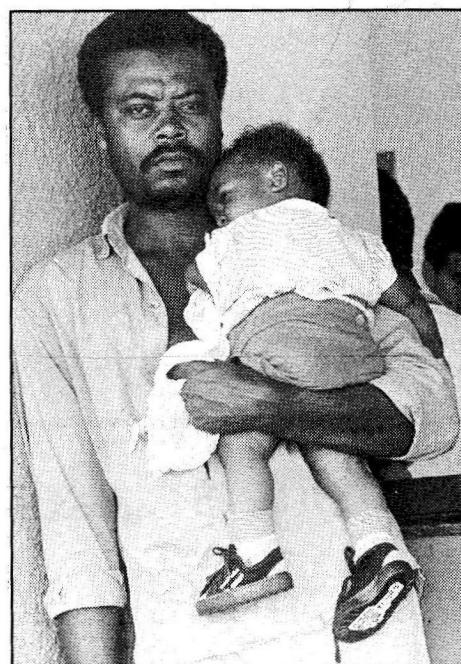
A pediatria do Hospital Regional de Ceilândia está vivendo um verdadeiro caos. Nos últimos 30 dias houve uma duplicação no número de pacientes que procuram o local, provocando um colapso no atendimento. As filas já se tornaram uma triste rotina, os médicos estão tendo que se desdobrar em seu trabalho e já começa a faltar medicamento e material de atendimento.

A situação pode ser resumida com os números de um único dia de atendimento. No plantão da segunda-feira de Carnaval, 165 crianças foram atendidas, algumas depois de mais de 12 horas de espera no Hospital. Outras 109 acabaram desistindo e tendo que voltar em um outro dia. Mesmo sendo um dia excepcional, as condições de funcionamento também não são melhores que nos períodos normais.

Casos como o da dona-de-casa, Rita Virgílio de Oliveira que ontem às 15h30, continuava aguardando um atendimento para a sua filha de um ano, apesar de já ter ido ao HRC três vezes e no dia haver chegado às 9h, não são uma exceção.

Segundo os médicos de plantão, a situação, que já era ruim, piorou muito no mês de fevereiro. Mesmo preferindo não se identificar, ele garante que o problema foi agravado com a decisão da direção do Hospital Regional de Taguatinga em fazer triagem dos pacientes que o procuram, através de endereços. "Eles estão se recusando a atender as pessoas da Ceilândia e isso faz com que aumente a procura pelo HRC", explica.

Atendimento — O diretor-geral do Hospital Regional de Ceilândia, Antônio Coelho, reconhece o problema,



A espera pode demorar horas

apesar de não saber definir as suas causas mais imediatas. Apresentando uma planilha do mês de fevereiro, ele mostra que o número de pacientes atendidos, que no dia 1º foi de 186, pulou para 367, no dia 27, permanecendo neste mesmo ritmo no início de março.

Para Antônio Coelho, as mudanças climáticas e outras questões circunstanciais podem provocar uma ligeira elevação na demanda do HRC, mas o problema é estrutural. "O hospital é pequeno para atender toda a população da cidade-satélite e outros que vêm de Samambaia e até de Santo Antônio do Descoberto", garante. "Somente com a construção de outro hospital será possível uma solução para o problema".

Como exemplo para a sua argumentação, ele cita o caso específico da Pediatria. "Existem apenas cinco médicos e 42 leitos para esta especialidade médica", conta. De acordo com ele, esse pessoal trabalha ao máximo e não adiantaria aumentar o seu número, porque não há sequer espaço físico

para isto.

HRT — No Hospital Regional de Taguatinga, a informação de que esteja sendo feita uma triagem dos pacientes a serem atendidos por endereços é negada. A substituta do vice-diretor, a médica Conceição Abdala, garante que, ao contrário, o HRT chega a receber mais pessoas de Ceilândia e Samambaia do que na cidade-satélite onde ele está localizado. "A triagem que existe é apenas para saber a especialidade médica e se o problema é de emergência ou não" afirma.

Reconhecimento — A superlotação dos Hospitais Regionais de Taguatinga e Ceilândia é reconhecida pelo próprio secretário da Saúde, Jofran Frejat. Segundo ele, além dos pacientes das suas próprias cidades-satélites, estes hospitais ainda recebem um fluxo de pessoas vindas de Samambaia e do Entorno. "É uma situação que está nos preocupando", garante o secretário.

Para Frejat, esta situação só poderá ser resolvida com a construção de mais um hospital na Ceilândia e o primeiro em Samambaia. "Por mais que se implantem postos de saúde, eles não são suficientes para dar vazão a toda a demanda porque são necessários a existência de leitos e médicos", explica.

Soluções neste sentido já estão sendo tomadas. O Hospital Regional de Samambaia já está em fase de licitação e o outro de Ceilândia está em fase de negociação. De acordo com Jofran Frejat, este último será construído através de um convênio com o governo Argentino, que repassará os recursos a fundo perdido. "Estamos trabalhando para que até o final da administração Roriz o sistema de saúde seja melhorado", informa.

Samambaia — O Hospital Regional de Samambaia será construído em 18 meses, terá 160 leitos, um grande ambulatório, com cerca de 30 consultórios, uma agência transfusional, para a coleta e armazenamento de sangue, e uma UTI, com dez leitos. Além disto, ele será o segundo da Fundação Hospitalar a contar com uma creche, que atenderá a cerca de 60 crianças.